O DESBRAVADOR

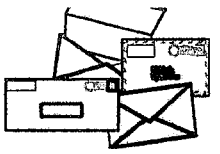
ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"

São José Moscati Médico Santo, exemplo para os nossos dias

Num mundo corrompido como o nosso em que a virtude é desprezada e vilipendiada, é maravilhoso saber que existiu um santo que fez de sua atividade de professor universitário e médico um constante serviço para a glória de Deus e salvação das almas.
Que bom seria se outros como ele assim se dedicassem.
Conceda-nos Nossa Senhora esta graça.

ANO XXVIII JULHO/AGOSTO 2007 331/332

Escrevem os Leitores



Paz e bem da parte de nosso "Senhor Jesus Cristo",olá amigos eu gostaria muito de receber o "Desbravador" em minha casa pois gosto muito de ler.
WANDERSON LIMA
SÃO PAULO – SP

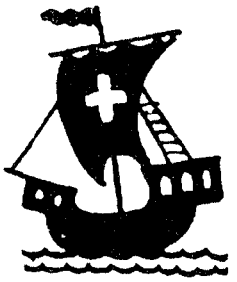
Bom dia sr. Messias
Recebo o jornal " O Desbravador" com certa freqüência
ROBERTO CORREIA
SÃO PAULO - SP

Parabenizo a todos os irmãos que produzem tão maravilhoso meio de comunicação!
Talvez "O Desbravador" seja o único que fala sobre assuntos polêmicos quando todos se calam. Hoje precisamos de católicos assim.... que não tenham respeito humano que anunciem Cristo em meio às adversidades.
Continuem assim... E que a Imaculada lhes ajude nessa missão... Rezarei por vocês!
P. S. Gostei da matéria de capa de MARÇO/ABRIL sobre aborto! E se fizerem uma sobre Célula-Tronco? (Me interessa muito)
IR. VALDEIR CESÁRIO DOS SANTOS
CLARAVAL- MG

Por favor, por este simbólico gesto, solicito assinatura dos periódicos do "Grêmio Santa Maria'.
MARIA DA CONCEIÇÃO FERREIRA
SÃO PAULO – SP

Quero por meio desta agradecer-lhes pelo belo Jornal "O Desbravador", é certamente, um instrumento muito fiel à Santa Igreja Romana e muito útil na defesa da Fé.
Que a Santa Trindade pela intercessão de Maria faça fecundo todo o seu labor apostólico na difusão do seu Reino e Glória.
TARCISIO FABRÍCIO GOMES JUNIOR
SANTOS – SP

Prezados amigos e amigas do excelente e formidável Desbravador, jornal e revista. Obrigado pelo envio do precioso periódico informativo cultural religioso. Leio tudo de fio a pavio.
GABRIEL ADIJALBA PELEGRINI
SÃO GONÇALO DO SAPUCAÍ - MG



O DESBRAVADOR
PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO "SANTA MARIA"

DIRETOR
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS
JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO
PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

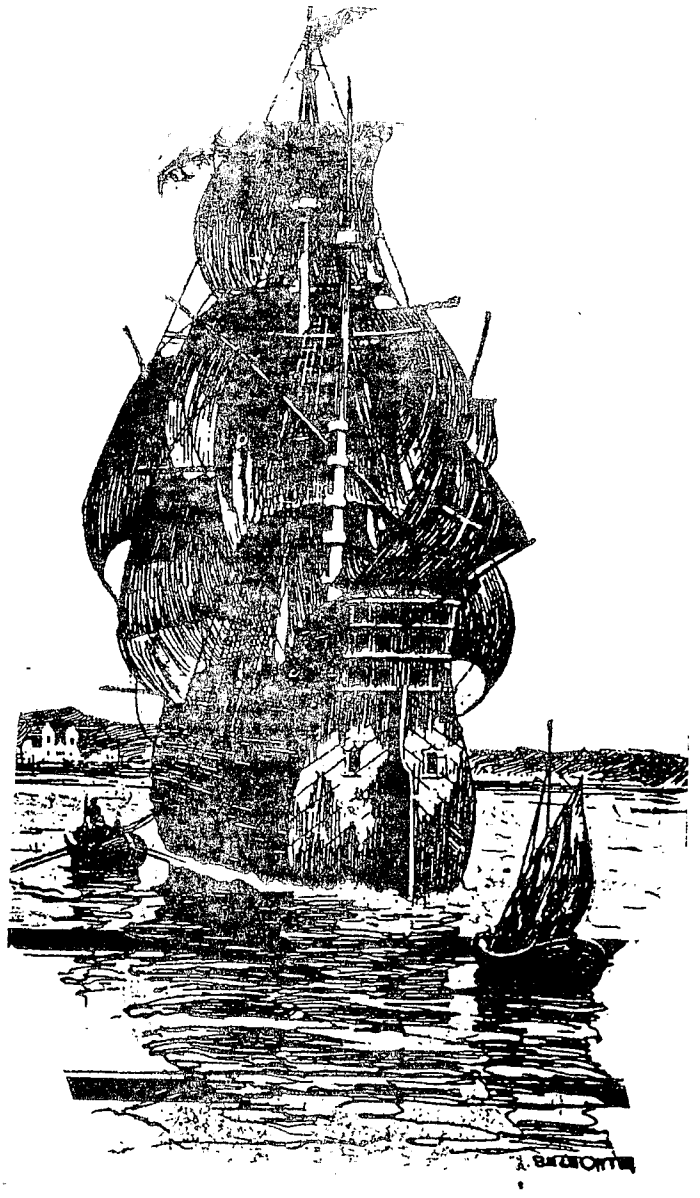
SECRETARIA
PATRICIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO MAZZI RUFINO
SHEFFERSON SANDER FERREIRA
MARIA PAULA BRANCO DE MATOS

EXPEDIÇÃO
JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO
FRANCISCO JOSÉ BRANCO DE MATOS
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
ROGÉRIO VERÍSSIMO
MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

COMPOSIÇÃO
ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"

CORRESPONDÊNCIA
CAIXA POSTAL - 1525
01059 - 970 SÃO PAULO SP
e-mail – odesbravador@uol.com.br

Editorial



Trazemos na presente edição alguns fatos da vida de São José Moscati, médico italiano que viveu de fins do século XIX a meados do século passado.

Aliás, é uma republicação que, com muita alegria, fazemos. Tomamos conhecimento da vida do santo em uma revista italiana. Causou-nos interesse a vida do médico que "pagava" seus clientes.

Quando um amigo nosso foi para a Itália nos trouxe uma substanciosa biografia de S.José Moscati. Trouxe ademais fatos que hauriu na terra do santo (Nápoles). Entre estes encontrou um, impressionante, e que foi o ponto de partida que culminaria com a sua canonização.

O Dr.Moscati morrera com fama de santo. Dois anos após sua morte uma senhora com câncer vai a uma farmácia adquirir remédios. Mostra a receita e o farmacêutico lhe pergunta quem receitara os remédios. Ela respondeu que fora o Dr.Moscati que há alguns minutos lhe dera a receita. O farmacêutico disse ser impossível, pois ele morrera há dois anos. Ela respondeu que acabara de ser consultada por ele.

A notícia se espalhou como um raio. Em pouco tempo a fama e a devoção ao Dr.Moscati correram mundo.

São José Moscati é uma mostra que todos podemos ser santos. Ele o foi eximiamente como médico e professor universitário.

Nós também podemos seguir o caminho da santidade. Meios não nos faltam.

Que São José Moscati e Nossa Senhora, de quem ele foi exímio devoto, nos alcancem a graça de trilhar o caminho radical da santidade e de ajudar a levar os outros nesse caminho.

- Para receber "O Desbravador" basta mandar seu endereço, com CEP seja para o endereço do Correio (Caixa Postal 1525 – 01059-970 – São Paulo SP) ou por e-mail: (odesbravador@uol.com.br) e **gratuitamente** receberá bimestralmente a publicação em seu endereço, em qualquer ponto do Brasil.

São João Bosco

"Desgraça Menor"

Quando Dom Bosco encontrou um abrigo para sua obra, na Casa Pinardi, começaram as primeiras construções, algumas das quais até hoje permanecem.

Uma das primeiríssimas foi a Capela de São Francisco de Sales.

E, logo, Dom Bosco começou a construir o primeiro colégio de sua obra.

Para a construção. não poupou esforços e trabalhos e teve também muitos gastos. Para custear as obras fez rifas, buscou donativos, mas a construção caminhou e após meses de trabalho estava pronta para ser inaugurada.

Quando algo acontece: um incêndio, que em horas, destrói toda a construção. Dom Bosco não se abalou. Mas, os que o cercavam ficaram abalados. José Buzzetti, seu fidelíssimo aluno, chega e diz ao santo: "que desgraça, Dom Bosco!"

Ele, então, retruca: "Buzzetti, é uma desgraça menor que um pecado venial".

Em resposta, mostra uma verdade irretocável: a maior catástrofe, a maior tragédia, a maior de todas as desgraças, é o pecado, porque é uma ofensa a Deus, e, portanto, deve ser evitada, combatida, para que jamais façamos um pecado, por venial que seja, por mais leve que seja, mas sempre é uma ofensa a Deus.

E o que dizer de nossos dias, quando o pecado é a tônica dos homens de hoje?

Pensemos como Dom Bosco e jamais cometamos a maior das desgraças: o pecado.

Quanto aos dissabores terrenos e dissabores como as dificuldades do dia a dia, digamos delas como Dom Bosco: "desgraça menor que um pecado venial".

"QUEM SE AFASTA DO VERDADEIRO LUME, ISTO É, DE DEUS, TORNA-SE IMEDIATAMENTE CEGO" (*Santo Agostinho)*

SÃO JOSÉ MOSCATI, UM MÉDICO SANTO

No consultório do Dr.José Moscati, onde ele examinava os doentes, havia um cestinho. E quando o paciente dizia: "Quanto lhe devo doutor?", ele respondia: "Pense em ficar bom. Depois, se tem qualquer coisa, coloque no cestinho; se tem necessidade pegue o que te serve". Assim era José Moscati, o médico que pagava seus doentes, médico exemplar canonizado pelo Papa João Paulo II, em 25 de outubro de 1987.

Um dos problemas que muito se discute em nossos dias é o da saúde. Fórmulas são buscadas e pouco se consegue nesse tempo.

O personagem do presente artigo é uma amostra daquilo que seria a solução para o problema: a existência de médicos santos.

Quando se vê médicos – contrariando os juramentos que fazem – recusarem-se a atender enfermos, quando se vê, nos hospitais em greve, doentes correndo sério risco de vida, quando médicos promovem o horrendo crime do aborto, nós dizemos que São José Moscati é uma luz a mostrar que se tivéssemos médicos verdadeiramente católicos, a situação dos doentes, e não só deles, seria completamente diversa e para melhor.

São José Moscati é um exemplo e um luminar para nossos dias. Primeiro porque viveu próximo de nós, sendo, portanto mais que atual; em segundo lugar, era um leigo e com isso nos mostra que a santidade está ao alcance de todos; e, finalmente, foi médico e nisso ensina como deve ser a conduta de quem trabalha na saúde: dedicação infatigável à cura dos corpos e, sobretudo um imenso esforço apostólico em prol da salvação das almas.

Traços biográficos

Nasceu em 25 de julho de 1880, em Benevento, Itália. Batizado no dia 31 do mesmo mês, fez sua primeira comunhão em 27 de dezembro de 1890 e a crisma no dia 3 de março do mesmo ano.

Cursou a Faculdade de Medicina e Cirurgia de Nápoles, onde se formou em 1903.

Moscati desenvolveu toda sua carreira no Hospital dos Incuráveis de Nápoles, onde foi clínico, professor e acima de tudo um médico apóstolo. Ao mesmo tempo, exercia intensa atividade de clínica médica particular, na qual também prodigalizou a sua caridade cristã.

Descrever toda vida de nosso santo em muito excederia o âmbito do presente artigo. Aqui falaremos de sua caridade com os doentes, especialmente os pobres e seu apostolado.

São José Moscati

Trabalhador insano, diariamente assistia Missa, comungava e recitava o rosário. Devotíssimo de Nossa Senhora em sua honra convidava seus circunstantes, fossem quem fossem, a rezar o Ângelus.

Desinteressado pelos bens materiais era de moral inatacável e, ao cabo de sua existência, não só venceu as tentações, como fez no ano de 1914, voto de castidade que fielmente cumpriu.

Sua caridade

Em carta de 1922, Moscati escreve "Não a ciência, mas a caridade transformou o mundo..." Em outra coisa: "Exercitaremos todos os dias na caridade. Não esqueçamos de fazer em todos os dias, em todos os momentos mesmo, ofertas de nossas ações, a Deus, fazendo tudo por amor".

Se assim escrevia, assim agia.

Certa ocasião lhe mandaram uma jovem tuberculosa, com um bilhete, onde diziam que a enferma era pobre. O professor Moscati consultou-a, prescreveu a cura, não cobrou nada e despediu-se da enferma, que teve a surpresa de verificar, no meio da receita, uma nota de 50 liras.

Certa manhã, quando ele assistia Missa na Igreja de Santa Clara, um fiel sentiu-se mal. O professor Moscati foi o primeiro a socorrê-lo e depois de lhe ter dado os primeiros socorros, convidou o coitado a ir mais tarde ao hospital para examiná-lo melhor. Veio o paciente ao ambulatório e, disse secretamente ao professor que o seu mal estar era

ocasionado por estar três dias sem comer. O professor Moscati então, secretamente, ofertou ao miserável notável soma.

De outra feita, o professor Moscati veio a Amalfi expressamente para visitar um advogado enfermo. Após a consulta, a filha lhe entregou um envelope contendo os honorários. Mas, o professor, tendo notado que a casa não era de acordo com o estado da família, disse que não queria nada. A senhorita, talvez por conveniência e dignidade insistiu eficazmente para que o professor aceitasse o honorário; mas ele foi forte e não quis absolutamente nada.

De outra feita, convidado por uma família de Lecce que apressou sua intervenção e lhe depositou num envelope, um honorário de 3000 liras, soma considerável na época. Ei-lo apressado em ir em direção aos pobres para distribuir todo o dinheiro que havia ganho.

"Para ele o pobre era o irmão ignorado, o mais digno de socorro". (professor A de Marsico).

Quando o professor voltava para casa, entregava, à sua irmã Nina, uma lista com o endereço dos pobres que tinha visitado (gratuitamente, é claro) e recomendava à irmã que providenciasse obras de caridade.

Salvatore Pipolo, que trabalhava no açougue do pai, perto da casa do santo conta:

"Ia freqüentemente na casa do professor Moscati, porque a irmã Nina encomendava, quase todos os dias, vários quilos de carne para fazer beneficência".

Seu apostolado

Dizia nosso santo:

"É bom que o enfermo se coloque na graça de Deus. Quando Deus vem ao nosso coração, na Santa Comunhão, nos dá paz, resignação, coragem, esperança".

Em outra ocasião:

"Eu sinto meu coração arrebentado ao pensar que tantas almas estão longe de Deus; gostaria de conduzi-las todas aos pés do Senhor, queria que todas se convertessem".

Essas suas palavras são bem o reflexo do que foi seu espírito apostólico.

Um médico seu amigo nos diz:

"A todos enfermos que se apresentavam a ele no hospital, perguntava se estavam em paz com Deus e há quanto tempo não freqüentavam os Sacramentos. Na sua medicina privada, ele seguia a mesma prática; sem distinção de pessoas, ainda que notáveis, exortava os doentes graves a se aproximarem dos Sacramentos logo, ainda sabendo que feria as suscetibilidades da família e isso porque, como sempre dizia, o único escopo da profissão era aquele de salvar almas ainda antes de curar os corpos".

Alguns casos maravilhosos

Indo a um congresso médico em Edimburgo encontrou um menino moribundo, filho de judeus. Viu logo a oportunidade de lhe abrir as portas do paraíso. Encontra umas gotas de água e o batiza. Voltando a Nápoles perguntou a um padre se o batismo fora válido, e diante da resposta afirmativa seu rosto resplandeceu de alegria. Este fato era para ele sua melhor lembrança de Edimburgo.

Em fevereiro de 1927 ele foi visitar um velho notário de 78 anos, ateu convicto desde a juventude. Bastou que o santo dissesse que ele aceitasse os confortos religiosos, veio o padre, o qual, por muitos dias ainda ficou a cumprir sua missão junto ao doente, que depois sarou completamente.

Conta o Padre Aromatisi, S.J.:

"Eu mesmo uma vez, à uma da madrugada, chamado telefonicamente, levei os Sacramentos a um convertido de Moscati. E dizendo eu: como farei para dar a Comunhão? Moscati respondeu: vamos juntos, porque eu já o preparei para a Confissão e para a Comunhão. Com efeito ele veio comigo no carro, recitando orações à Eucaristia. E chegando à casa do doente, esperei uns minutos e depois ele me chamou ao quarto do enfermo".

Um doente grave, com tumor no estômago, acercou-se da Confissão e da Comunhão das quais estava longe e declarou que o fez diante da bondade do santo que, com palavras convincentes, cheias de fé, o haviam feito decidir a buscar os Sacramentos como o fez com grande fé e fervor.

"Perguntei-lhe uma vez", narra o Dr.Napoli, "porque tinha renunciado ao pagamento da consulta de um doente..., que estava em gravíssimas condições, e que era um grande pecador, e ele me respondeu:

"Vou convertê-lo. Ter salvo uma alma será o maior pagamento que possa ter a minha modesta profissão de médico". O enfermo, depois de alguns meses morreu cristãmente.

Quando estava à cabeceira de qualquer doente gravíssimo, que recusava os Sacramentos, a sua palavra encontrava acentos de persuasão que penetravam e convenciam.

Um velho enfermo, com câncer no estômago, recusava obstinadamente os Sacramentos. Uma religiosa o tinha encontrado e suplicado várias vezes, mas não conseguira convencê-lo.

Então o professor Moscati aproximou-se de seu leito e falou muito. O que disse? Mistério. Maravilhosamente o doente pediu para se confessar e comungar.

Um dia quando visitava um advogado, seu amigo, disse:

"Aproxima-te de Deus, confesse, faça a Santa Comunhão e ficarás melhor", depois lhe prescreveu os remédios necessários. Um mês após o advogado volta ao seu consultório, porque não havia sarado por completo. O santo o olha e sem muitas perguntas, lhe diz de pronto: "Não fizeste uma confissão, por isso não ficaste curado".

A um operário que tinha sarado de uma grave moléstia dos pulmões e que lhe ofereceu os honorários, respondeu sereno: "Se me queres pagar, vai a confessar-te, porque foi Deus quem te salvou".

De um jovem doente de câncer no estômago, que recorrera a ele, não quis recompensa, em troca lhe pede para "colocar-se na graça de Deus".

Os seus colegas não compreendiam porque recusasse os honorários de um paciente que havia curado e assistido espiritualmente. Ele dizia: "A melhor recompensa é que eu tenha convertido uma alma".

Pessoas famosas como seu professor de bioquímica, Pascoale Malerba, o jornalista Federico Verdinois e o célebre tenor Enrico Caruso foram por ele levados ao Senhor. A este último fez receber os Sacramentos.

Provavelmente o caso de maior repercussão da atividade apostólica de São José Moscati, foi por ocasião da morte do professor Leonardo Bianchi.

Ele era médico, professor, deputado, ministro e, infelizmente, maçom e anticlerical, tendo chegado a atacar, em uma conferência, a Nosso Senhor.

Tinha 79 anos e estava em pleno vigor. Fazendo, certa feita, uma conferência, ao terminar, enquanto recebia os aplausos, teve um ataque cardíaco. Os médicos presentes procuraram socorrê-lo, o professor Moscati mandou chamar um padre e, de crucifixo na mão, recitou o ato de contrição que o professor Bianchi acompanhou enquanto apertava a mão do santo. O padre chega e somente tem tempo de administrar a Extrema-Unção de formula breve.

O cardeal Ascalesi disse a propósito à uma freira, sobrinha de Bianchi: "seu tio se salvou porque se encontrou junto de um missionário que é o professor Moscati".

Podemos resumir sua vida numa frase do doutor Ponsiglione: "Para os doentes era médico e sacerdote, levava a eles a ajuda da sua doutrina e o conforto da palavra de Deus".

São José Moscati é um exemplo em nossos dias. Num mundo sem fé, ele testemunhou a sua de maneira impávida. Numa época em que poucos se dedicam ao apostolado, ele na sua função de médico, foi um apóstolo modelo. Numa profissão sublime, mas tanto denegrida, ele não só cumpriu seu dever estritamente profissional, como fez dela campo de caridade e apostolado.

Conceda-nos a Santíssima Virgem, de quem ele foi devotíssimo, outras pessoas como ele, e rezemos para que o leitor resolva doravante imitá-lo, qualquer que seja sua atividade.

TAL PAI, TAL FILHO

O fato seguinte aconteceu com o pai de São José Moscati. Digno pai de tão grande filho.

Na praça do Correio, o portão do palácio Rosmini se abre; sai a senhora Rosa (trazendo nos braços o filho mais novo); atrás dela, os filhos Gennaro e Alberto e, em seguida, segurando as mãos do pai, os dois menores, Anna e José. O trajeto até a igreja dos santos Cosme e Damião é pequeno. Uma luz clara desenha os contornos das casas e traça o perfil dos poucos passantes pela praça. A brisa de setembro, descendo das colinas, acaricia as casas e desliza até o mar. O som dos sinos faz vibrar o ar. Em um canto da praça, um grupo de homens conversa animadamente. Quando a família Moscati passa perto do grupo, eleva-se uma voz:

- Arrancaremos os badalos de todos os sinos! E fecharemos as portas das igrejas! E veremos como os beatos farão para irem à missa.

- Com certeza! Serão obrigados a abaixar a cabeça para a verdadeira religião. A natural.

- Silêncio! Não vês quem está passando?

- Eu sei, é claro. – E um riso de escárnio aflora na face do homem. – É o cavaleiro Moscati, conselheiro do Superior Tribunal de Justiça, que põe a lei de Deus acima da lei dos homens: - E, elevando mais a voz – Aqui em Ancona já começou a luta contra o poder papal, logo estaremos livres da superstição católica. O poder ao povo!

De repente o ar se torna denso.

- Nina, vá com sua mãe. José, venha comigo!

A senhora Rosa nem procura deter o marido, segue-o com o olhar. O cavaleiro Moscati, com poucos passos decididos, se aproxima do grupo. Detém-se apertando a mão do filho, olha nos olhos o homem que falou por último e que ele conhece bem:

- Falou bem; a lei de Nosso Senhor é, para mim, a verdadeira lei. E a santa Igreja católica é minha mestra. Todos os dias peço a Deus que ilumine todas as minhas ações, indique-me o caminho para glorificá-lo, para ser um homem reto e feliz, que ame seu próximo e que esteja pronto para ajudá-lo. E nisso nunca me enganei. É somente assim que posso servir a minha pátria. Pergunte por aí como é meu procedimento no Tribunal. Pode-se dizer o mesmo de seus colegas?

Agora rodeiam-no e chegam cada vez mais perto. Ele, sem se intimidar, prossegue:

- E vocês, tomem cuidado com as novas tendências que os deslumbram com horizontes dourados e nas quais os desejos mais profundos do homem são reduzidos a meras exigências, como as definem vocês?, naturais. Que têm no coração? Quando olham para seus filhos, para suas esposas, pensam que são apenas um aglomerado de vísceras e nervos? Carne para revolução? Onde está a fé de seus pais? Venha, José, vamos!

O riso sarcástico desaparecera. Ninguém ousou replicar. Era conhecida de todos a retidão daquele homem, que nunca, em nenhuma ocasião, tinha demonstrado ter medo de professar sua fé. Quantas vezes tentaram injuriá-lo, fazê-lo cair em erro ou isolá-lo. O cerco se desfazia, deixando-o passar.

Pelo caminho, o menino pergunta:

- Pai, por que aquele homem tinha aquele riso mau, e os olhos bons?

O cavaleiro Moscati se abaixa para ele e diz:

- Ele, como os outros, tem raiva porque fechou o coração ao Senhor. Nunca faça isso, não tenha medo de praticar sua fé. Assim se tornará um grande homem.

- Como você?

- Como os santos, José, como os santos.

Alcançaram o resto da família.

- Vamos, senão chegamos tarde para a missa.

E, dirigindo-se à esposa:

- Está cada vez pior. Vivemos em um tempo nefasto. A ação maléfica da maçonaria – e não só dela – está dando seus frutos. Sei de funcionários públicos que se viram perante a triste alternativa de trair sua consciência, renunciando aos deveres religiosos, ou de terem sua carreira interrompida. Até homens de valor se dobraram às intimidações da seita maçônica. Não se lembra do que aconteceu em Roma, o coração da cristandade, poucos anos atrás? Naquela maldita noite – deixe-me dizê-lo – de 13 de julho de 1881, quando aqueles inconscientes tentaram cometer um sacrilégio: jogar o cadáver do papa Pio IX no rio Tibre. E muitos eram jovens; Rosa, jovens! Os jovens é que correm o perigo maior: caem na rede da indiferença religiosa. É uma serpente que, rastejando, envenena seus sonhos, seus desejos. Estão arrancando Deus do coração do homem. Rosa, conservemos alta a fé dos nossos filhos. Essa árdua tarefa compete a você, que está sempre com eles.

"QUEM DEMORA EM SE DAR A DEUS CORRE GRANDE RISCO DE PERDER A ALMA"
(*São João Bosco*)

Quem Ganhará a Melhor Medalha?

Quantos e quantos jovens sonham ansiosamente com a cena ao lado e se colocam como seus personagens? Para tanto, dedicam anos a fio de suas vidas, horas sem fim de seus esforços, exercícios físicos, preleções, regimes alimentares, dinheiro, enfim dão o melhor de si por uma medalha. Uma simples medalha.

Gostaríamos de tecer algumas considerações a respeito. Em primeiro lugar, a frustração que dá em muitos atletas após anos de preparação. Seja por não conseguirem os índices mínimos para competir, seja por uma pequena falha que lhes arrebata o primeiro lugar, seja por aparecer outro melhor que o vença por uma diferença mínima, seja, enfim por ser aquela a última competição de que participa devido à idade.

De outro lado, perguntamos, mesmo que vença, é compensador o prêmio de tanto esforço? É proporcional à dedicação que muitos esportistas têm? Seu prêmio é uma medalha, um pouco de fama e algum dinheiro. Mas perguntamos: esse é o fim do homem? Isso deve ser a meta de jovens sadios, de moços cheios de flama e fogo?

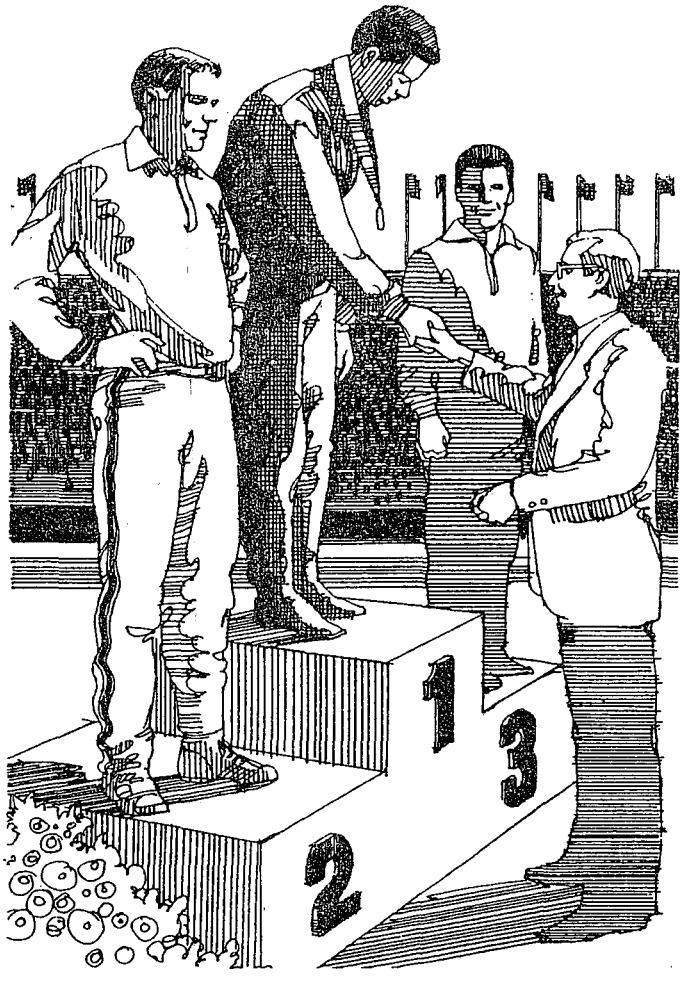
Um outro tópico salta evidente aos olhos, ou seja, o esquecimento em que caem os "super-homens", os grandes campeões, os famosos esportistas. Após um triunfo passageiro, aos poucos, vão caindo no olvido da imprensa, vão saindo da memória dos fãs, vão desaparecendo da notoriedade que atingiram, vão, talvez, dilapidando o patrimônio que amealharam. Se perguntarmos à grande maioria dos brasileiros quem foi Guilherme Paraense, provavelmente a resposta seria um seco "não sei". E, no entanto, foi ele o primeiro brasileiro a ganhar uma medalha de ouro em olimpíadas (Tiro, em Antuérpia, no ano de 1920). Como vemos não estamos exagerando.

Além disso, perguntamos: que adianta ganhar medalhas, prêmios, fama e perder a alma? Não nascemos para o que passa, mas sim para a eternidade.

Disse alguém ao morrer que se o serviço que ele prestara ao rei, fosse prestado a Deus, sua alma estaria seguramente salva.

Da mesma forma, poderíamos dizer que, se o esforço que muitos fazem para conseguir uma medalha, fosse usado no serviço de Deus, eles obteriam um prêmio incomparavelmente maior.

Finalizamos, dizendo que Nosso Senhor diz no Apocalipse de São João, que Ele mesmo será nossa recompensa e de outro lado, São Paulo fala que "de resto me está reservada a coroa da justiça que o Senhor Justo Juiz me dará naquele dia; e não só a mim, mas também àqueles que desejam a sua vinda". (II Tim 4,8)



DIANTE DAS ESCRITURAS, RESPONDA SE PUDER

Os seguidores de Lutero vivem dizendo que seguem a Bíblia e só a Bíblia.

No dia de hoje, eu estava em um arrabalde de São Paulo, com pressa e sem condução. Então rezei uma Ave Maria e – ó maravilha – consegui uma carona, do arrabalde para perto de minha casa.

No caminho, o motorista falou que quase ninguém dava carona. Como é que eu conseguira aquela?

Eu respondi que rezara uma Ave Maria e que Nossa Senhora e meu Anjo da Guarda iam à frente e me conseguiam a condução.

Notei que ele não gostou da resposta e mostrou ser protestante.

Eu então comecei a falar e disse: amigo, na Sagrada Escritura, no Evangelho de São Lucas, capítulo I é narrada a visita de Nossa Senhora a Santa Isabel e ali é dito que no momento em que a Virgem chegou à casa de Zacarias, saudou Isabel, sua prima e apenas isso aconteceu o menino (São João Batista) saltou no ventre de Isabel e esta ficou cheia do Espírito Santo e exclamou em alta voz, e disse: Bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto de teu ventre. E donde vem a mim esta dita que a Mãe do Meu Senhor venha ter comigo? Porque logo que a voz da tua saudação chegou aos meus ouvidos, o menino exultou de alegria no meu ventre. E Bem Aventurada és tu, que creste, porque se hão de cumprir as coisas que da parte do Senhor te foram ditas.

Então Nossa Senhora cantou o Magnificat aonde disse que "de hoje em diante, todas as gerações me chamarão Bem-Aventurada".

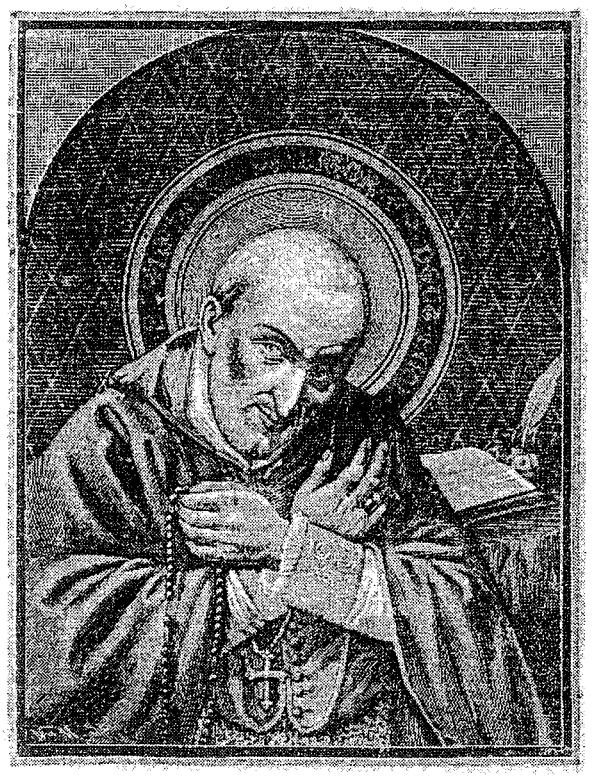
Eu então arrematei que tudo isso estava na Bíblia.

O motorista então calou até me deixar no destino. Se calou, consentiu. Eu me alegrei por ter podido, apesar da minha miséria, proclamar Maria, Bem Aventurada. Rezo para, que aquele protestante também o faça.

E, o leitor protestante concorda com a Bíblia?

Então também proclame Nossa Senhora Bem Aventurada e como Santa Isabel ficará cheio do Espírito Santo e como São João Batista exultante de alegria.

Se aceita a Bíblia, tem de proclamar Maria, Bendita entre as mulheres.



Santo Afonso Maria de Ligório

Retrato dum homem, pouco depois da sua morte

És pó e a pó te hás-de reduzir.
(gen. 3, 19)

I

Um momento depois da morte

Considera, ó homem, que foste formado de terra, e à terra hás-de voltar. Dia virá em que hás-de morrer, ser lançado numa sepultura, entregue à corrupção e aos vermes, que te cobrirão, tornando-se o *teu único vestido*, conforme a expressão de Isaías (14, 11) : *Operimentum tuum erunt vermes*. Tal é a sorte reservada a todo e qualquer homem, quer nobre, quer plebeu, príncipe ou vassalo. Saída do corpo com o último sopro, a alma irá para a sua eternidade e o corpo se demudará em pó : *Auferes spiritum eorum et deficiente et in pulverem suum reverturtur* (Ps. 103. 29) ; "hás-de tirar-lhes o espírito que os anima ; deixarão de viver e voltarão a ser pó".

Representa diante dos teus olhos uma pessoa que acaba de morrer. Considera esse cadáver ainda estendido no seu leito ; vê essa cabeça inclinada sobre o peito, esses cabelos em desalinho e ainda banhados do suor dá morte ; os olhos encovados, as faces cavadas, o rosto lívido, a língua e os lábios quase negros ; todo o corpo inerte e frio. Sentem-se arrepios em presença deste quadro. Quantos ao verem um parente ou um amigo defunto mudaram de vida e renunciaram ao mundo !

Sobe de ponto o horror quando o cadáver entra em decomposição. Ainda não decorreram vinte e quatro horas sobre a morte desse jovem e já a infecção se faz sentir. É necessário abrir as janelas e empregar desinfectantes. Apressa-se a saída para a igreja e o enterramento, com receio que empeste toda a casa. Se esse corpo é dum nobre ou dum rico, "o cheiro que exala será ainda mais insuportável", nota Santo Ambrósio.

Eis pois em que veio parar esse orgulhoso e libertino ! Acolhido e estimado ainda há pouco nas reuniões, agora só inspira repulsa e horror a quantos o vêem. Os próprios pais procuram afastá-lo de casa quanto antes : é encerrado num caixão e levado para a sepultura. Ainda há pouco talvez era admirado pelo seu espírito, pela sua delicadeza, pelas suas belas maneiras, pelos seus ditos jocosos ; veio a morte e lançou sobre ele o esquecimento : *Periit memória eorum cum sonitu* (Ps. 9, 7) : "pereceu a sua lembrança com o seu renome". Ao correr o noticia da sua morte, divergem as opiniões : dizem uns que ele era geralmente estimado ; ajuntam outros que deixara a sua casa em bom estado. Estes lamentam a sua falta, porque perderam um benfeitor ; aqueles folgam, porque a morte dele os fez melhorar de situação. Em breve deixará de ser objecto de conversas, Os próprios parentes, a partir do dia da morte, não quererão que se lhes fale nele ; seria avivar-lhes as feridas. Nas visitas de pêsames fala-se de outras coisas.

Se um ou outro deixa escapar alguma palavra sobre o defunto, logo se lhe atalha : *fazei-me um favor, não pronuncieis mais o seu nome na minha presença.*

Considerai agora que isso mesmo que tendes praticado, na morte dos vossos parentes e amigos, outros o praticarão quando vós morrerdes. Os que vos sobrevivem entram em cena, para representarem o seu papel e gozarem os bens e os lugares, que os mortos lhe deixaram. Destes não se importam ; lançam-nos ao esquecimento. Nos primeiros tempos, ainda os vossos parentes lamentarão a vossa morte ; mas isso será apenas por alguns dias. Recebida a herança que lhes couber, em breve se resignarão e até se darão por satisfeitos. Naquele mesmo quarto em que destes a alma a Deus, em que Jesus Cristo proferiu a vossa sentença, aí se dançará, se comerá, se folgará e rirá como antes. E a esse tempo onde estará a vossa alma ?

II

O CADÁVER NA SEPULTURA

Quereis, ó cristãos, ver ainda melhor o que sois ? Segui o conselho de S. João Crisóstomo : "Ide postar-vos à beira duma cova : contemplai aquele pó, aquelas cinzas, aqueles vermes e gemei" : *Perge ad sepulchrum, contemplare pulverem, cineres, vermes et suspira.* Vede o cadáver primeiro lívido, depois espantosamente negro. Cobre-se em seguida duma espécie de bolor esbranquiçado e repelente ; deixa escorrer um líquido espesso e infecto que se infiltra na terra ; nele se gera em breve uma multidão de vermes. De mistura com esses insectos vorazes, correm também a apascentar-se os ratos ; uns assaltam o cadáver pelo exterior, outros penetram nas entranhas. As faces e os lábios despegam-se, os cabelos caem, o peito despoja-se, depois os braços e as pernas. Devorada toda a carne, os mesmos vermes morrem. Por fim, o que resta desse cadáver é apenas um esqueleto fétido, que com o tempo ainda se desconjunta, separando-se do tronco a cabeça e os ossos uns dos outros. Eis o que é o homem : *Redacta quasi in favillam aestivae areae, quae rapta sunt vento* (Dan. 2, 35) : "Um pouco de pó que o vento arrebata da eira do ceifador".

Onde está aquele potentado que era o encanto e a alma das reuniões ? Entrai nos seus aposentos, já não se encontra lá ; outro dorme no seu leito ; as suas armas, os seus vestidos, tudo passou a outros donos. Quereis vê-lo a ele próprio ? Abeirai-vos desta sepultura, onde não resta dele mais que um pouco de pó e alguns ossos mirrados. Meu Deus, esse corpo outrora alimentado com tanta delicadeza, vestido com tanto luxo e amimado com tantos cuidados por uma multidão de criados, volveu-se nisto em tão pouco tempo !

Como fostes discretos, ó santos do Céu, em mortificardes a vossa carne cá na terra, por amor de Deus, único objecto das vossas afeições ! Agora, encerrados por vezes em cofres de ouro, os vossos ossos são conservados com todas as honras devidas às sagradas relíquias, e as vossas almas bem-aventuradas gozam de Deus, aguardando o dia em que os vossos corpos vão partilhar da mesma glória, como cá na terra partilharam das mesmas cruzes. Sabe amar verdadeiramente o seu corpo, para lhe preparar uma felicidade eterna, quem o sujeita à mortificação cristã nesta vida, recusando-lhe os prazeres que o levariam a uma desgraça sem fim.

III

Trabalhemos na nossa salvação

Vede, meu irmão, no quadro do homem-cadáver, o que sois e o que mais cedo ou mais tarde haveis de ser. *Lembrai-vos que sois pó e a pó vos haveis de reduzir.* Pensai nisto : dentro de poucos anos, meses talvez, ou até dias, sereis apenas vermes e podridão. Este pensamento santificou Job : "Disse ao pó : tu és o meu pai, e aos vermes : vós sois a minha mãe e as minhas irmãs" : *Putredini dixi : Pater meus es : mater mea, et soror mea, vermibus* (Job 17, 14).

Todas as coisas passarão e, se na morte perderes a tua alma, tudo estará perdido para ti. Olha-te desde já como morto, diz S. Lourenço Justiniano, pois sabes que tens de morrer, queiras ou não queiras. Se agora tivesses de morrer, como desejarias ter vivido ? Enquanto vives, pensa que um dia hás-de pertencer ao número dos mortos. Para bem governar um navio, nota S. Boaventura, coloca-se o piloto na extremidade ; assim o homem qua quer governar bem a sua vida, a todos os instantes se deve considerar no seu derradeiro momento. Daí a exortação de S. Bernardo : *Vide prima, et erubesce ; vide media, et ingemisce ; vide novíssima, et contremisce :* "Considerai o começo, — isto é, os pecados da vossa juventude, — e envergonhai-vos ; considerai o meio, — quer dizer, os pecados da vossa idade madura, — e gemei ; considerai o fim, — ou os pecados, as desordens da vossa vida actual, e tremei, apressai-vos a dar-lhes remédio" *(De divers.).*

À vista dos túmulos, dizia a si próprio S. Camilo de Lèlis : "Se estes mortos pudessem reviver, que fariam pela vida eterna ? E eu que tenho tempo que faço pela minha alma ?" Era por humildade que o santo assim pensava. Quanto a vós, meu caro irmão, tendes talvez motivo para serdes olhado como a figueira estéril que o Senhor lamentava, dizendo : *Ecce anni três sunt, ex quo venio quaerens fructum in ficulnea hac, et non invenio* (Luc. 13, 7) : "Há já três anos que venho a procurar fruto nesta figueira e não o encontro".

Vós que estais no mundo há mais de três anos, — que fruto dais ? Considerai, diz S. Bernardo, que Deus não procura somente flores, mas frutos : não quer apenas bons desejos e propósitos, mas também obras santas. Sabei pois aproveitar o tempo que na sua misericórdia vos conceder ainda. Tomai cautela, não vos aconteça que, depois de muito vos esperar, queirais tempo para fazer o bem, e ele vos diga : *Tempus non erit amplius* (Apoc. 10, 6) : "Não há mais tempo". É tempo agora de partir — *Proficiscere,* — é tempo de deixar este mundo, nada de demoras, o que está feito está feito !

Eis aqui, Deus meu, essa árvore que há tantos anos merecia ter ouvido esta sentença : *Succide ergo illam : Ut quid etiam terram occupat ?* (Luc. 13, 7) : "Cortai-a pois : Para que estaria a ocupar a terra por mais tempo ?" Sou eu essa árvore, que há muitos anos estou no mundo, sem vos ter dado outros frutos senão as silvas e espinhos dos meus pecados ; mas, Senhor, vós não quereis que eu perca a esperança. Prometestes deixar-vos encontrar por quem vos procurar : *Quaerite, et invenietis* (Mat. 7, 7) : "Procurai, dizeis, e encontrareis".

Procuro-vos a vos e à vossa graça, ó meu Deus. Detesto do íntimo do coração todas as ofensas que vos tenho feito e quereria hoje morrer de dor. No passado estive longe de vós, mas hoje prefiro a vossa amizade à posse de todos os reinos da terra. Eis-me resolvido a não mais resistir aos vossos convites. Quereis que seja inteiramente vosso ; a vós me dou todo sem reserva. Pregado na cruz vos destes todo a mim ; pela minha parte me dou totalmente a vos.

Vós dissestes : *Si quid petieritis me in nomine meo, hoc faciam* (Jo. 14, 14) : "Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu a farei". É sobre esta magnífica promessa que me apoio, ó meu Jesus : em vosso nome e por vossos merecimentos, solicito a vossa graça, o vosso amor. Fazei abundar na minha alma, onde abundou o pecado, a vossa graça e o vosso amor. Dou-vos graças por me haverdes sugerido o pensamento de vos fazer esta súplica ; visto que ma inspirastes, sinal é de que me quereis escutar. Escutai-me, Jesus meu, dai-me um grande amor para convosco, dai-me um desejo ardente de vos agradar e depois a força para o pôr em execução. Ó Maria, minha grande Advogada, ouvi-me também ; rogai a Jesus por mim.

Não quero esperar para vos abraçar, ó meu Amor crucificado, que a vossa imagem me seja apresentada pelo meu confessor à hora da morte ; desde já vos abraço, desde já *vos recomendo a minha alma* : *In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum* (Ps. 30, 6). Há muitos anos que a minha alma se tem entregado ao mundo e não vos tem amado ; dai-me luz e força para vos amar no resto da minha vida. Não quero esperar pela hora da morte para vos amar ; amo-vos desde este momento, abraço-vos e estreito-vos ao meu coração e prometo-vos não vos abandonar mais.

Ó Virgem Santíssima, prendei-me a Jesus Cristo e obtende-me a graça de não o perder mais.

Afectos e súplicas

Assim pois, ó meu Deus, tal será também o fim do meu corpo, deste corpo por cuja causa tantas vezes vos tenho ofendido ; é nos vermes e no pó que ele há-de vir a parar ! Contudo, Senhor, não me aflijo, antes estimo que esteja sentenciada a decompor-se e a reduzir-se a pó esta carne, que me fez perder o sumo Bem ; o que me dói é ter--vos desgostado a vós, entregando-me a gostos miseráveis.

Não quero porém desconfiar da vossa misericórdia. É para me perdoardes que me haveis poupado : "Deus, diz o profeta, espera pacientemente para vos fazer misericórdia" (Is. 30, 18) : *Exspectat Deus, ut misereatur vestri* ; e vós estais disposto a perdoar-me, se eu me arrepender. O sim, eu arrependo-me de todo o meu coração, ó Bondade infinita, e lamento haver-vos desprezado. "Nada mais de pecados, meu Jesus, vos direi com Santa Catarina de Génova, nada mais de pecados !" Não quero abusar mais da vossa paciência.

COMO NA VELHA CARTAGO

Dizem alguns abortistas que o aborto seria medida de "saúde pública".

É mais uma falsidade desses seguidores de Herodes e Hitler.

Assim, hoje em dia, morrem diariamente milhares de mães, por causa de abortos e não morrem mães em partos. Então, aonde existem riscos à vida das mães, no parto ou no aborto?

Lógico que em abortos.

Mas, não é só isso: as seqüelas que os abortos deixam são incontáveis, tais como infertilidade, hemorragias etc, isso sem se falar nas inúmeras seqüelas psicológicas.

Os abortistas, porém, não costumam se curvar, mas mentem, mentem e novamente mentem, pois o seu ódio a Deus e às almas os leva a querer implantar sua maldade.

E a isso tudo, acrescenta-se a enormidade do crime do aborto que assassina inocentes.

Parece que estamos voltando à selvageria do paganismo. Lê-se na história que na velha Cartago, na entrada do porto, havia uma enorme estatua do ídolo Bahal. Media mais de 40 metros, era oco, de bronze e dentro ardia constantemente uma fogueira. Em certas ocasiões, mães subiam até a altura das mãos da estatua e ofereciam seus filhos em sacrifícios, sendo as crianças devoradas pelo fogo.

Passados mais de 2000 anos, não é na velha Cartago que se queimam bebês, é no mundo pagão de hoje. Assim, crianças abortadas são geralmente queimadas em fornos de alta temperatura. E, em certas ocasiões, viram cosméticos. Ó horror. Ó abominação.

Ninguém bradará contra isso?

Você leitor, você leitora ficarão calados? Não tem essas crianças chacinadas direitos humanos? Não são feitas à imagem e semelhança de Deus?

Ou será que ao lado do massacre dos inocentes, veremos o silêncio criminoso dos expectadores não inocentes?

Circo de Horrores

Recentemente, um professor secundário participava de uma reunião pedagógica, quando a conversa caiu na indisciplina dos jovens.

Aí, a reunião começou a ser uma resenha das barbaridades naquele colégio do interior de São Paulo. Por razões óbvias não diremos a cidade, mas narraremos os fatos aí elencados.

O primeiro deles foi o de uma menina. Estava ela faltando às aulas e sua mãe recebeu um telefonema, da direção da escola, para pedir providências a ela. A mãe se pôs a chorar e pediu que as pessoas da escola a localizassem e a trouxessem de volta, pois ela fugira quando sua mãe não lhe satisfez o capricho de comprar um tênis, pela "bagatela" de 170 reais.

O caso seguinte foi o de outra menina. Convocada sua mãe pela direção, ela não veio, pois estava na prisão. Veio sua avó. Enquanto se mostravam os fatos da jovem, percebeu-se que a avó tinha dores, foram verificar e viram que a jovem espetava um prego na avó para ela se calar e mais, constataram queimaduras no corpo da idosa, causadas pela neta.

O terceiro caso foi o de um aluno que traficava drogas e achou que uma professora o denunciara às autoridades. Como represália, ele seqüestrou a professora.

O mesmo ocorreu com outra professora, vítima de seqüestro relâmpago, realizado por um aluno.

Um circo de horrores em um colégio. Horrores que refletem o horror na sociedade, o paganismo moderno, o mundo sem Deus.

Não há alternativa, ou se volta para Deus ou a barbárie aumentará.

Querer mudar esse quadro com outras medidas é inócuo e prejudicial. Não adianta mudar a cama, o lençol, o quarto do doente. É preciso dar-lhe o remédio correto e, no caso, é preciso levar Deus aos homens e os homens a Deus.

Sem isso, nada se resolverá. Sem isso, psicólogos, terapeutas, pedagogos, antropólogos etc continuarão perdidos no mundo devasso e inócuo de hoje, o Circo de Horrores.

O IRMÃO PORTEIRO E O ESCRAVO DOS ESCRAVOS

Estamos no início do Século XVII. O Irmão Afonso Rodrigues era porteiro do Colégio Jesuíta de Monte Sion, Mallorca, Espanha.

Depois de ficar viúvo, e já tendo certa idade, Afonso entrou para a Companhia de Jesus e foi dedicar-se a Deus no mencionado Colégio. Ali, sua vida era rezar terços e mais terços e, ao mesmo tempo, dar preciosos conselhos aos jovens do Colégio, encaminhado-os para Deus.

Quantos jovens não descobriram sua verdadeira vocação graças aos conselhos e orações do Santo irmão!

Um belo dia, um jovem brilhante, amigo de Afonso, pergunta a este, qual deveria ser o seu objetivo de vida.

Afonso chama Pedro Cláver (este era o nome do amigo), e vão juntos rezar diante da imagem de Nossa Senhora para que Ela os iluminasse na resposta. Rezaram uma Ave-Maria e Afonso, inspirado pela Graça de Deus, decidiu: Pedro deveria ser padre, e padre Jesuíta, dirigir-se à Colômbia, mais especificamente a Cartagena, porto que recebia os escravos negros trazidos da África e, ali, cuidar desses mesmos escravos.

Pedro seguiu à risca os conselhos do amigo e uma vez padre Jesuíta, foi àquela cidade colombiana realizar seu apostolado pelos escravos.

Ali, batizou centenas de milhares deles, protegeu-os, educou-os, civilizou-os, foi, em resumo, um pai para eles. Mais que isso, consagrou-se a eles como o "Escravo dos Escravos".

Enquanto isso, na Espanha, o irmão Afonso Rodrigues, já velho, continuava com sua tarefa de porteiro em Mont Sion. Nunca mais vira o seu amigo Padre Pedro Cláver. Mas, não o esquecia jamais.

Era para ele e os escravos de Cartagena que o irmão Afonso rezava, com fervorosa devoção, o último Rosário do dia.

Numa bela noite, o bom irmão dirige-se à capela e, ao começar o Rosário, pelo sucesso do apostolado de seu amigo, ele vê extasiado o teto da Igreja se abrir e assiste a uma cena indescritivelmente bela: um cortejo de príncipes, rainhas e reis negros, vestidos com riquíssimas roupas, as mais sublimes, coroados com as jóias mais preciosas e sentando-se em tronos de uma beleza inacessível aos nossos olhos. Ao final do cortejo, vinham Nossa Senhora e Nosso Senhor Jesus Cristo, com realezas ainda mais grandiosas.

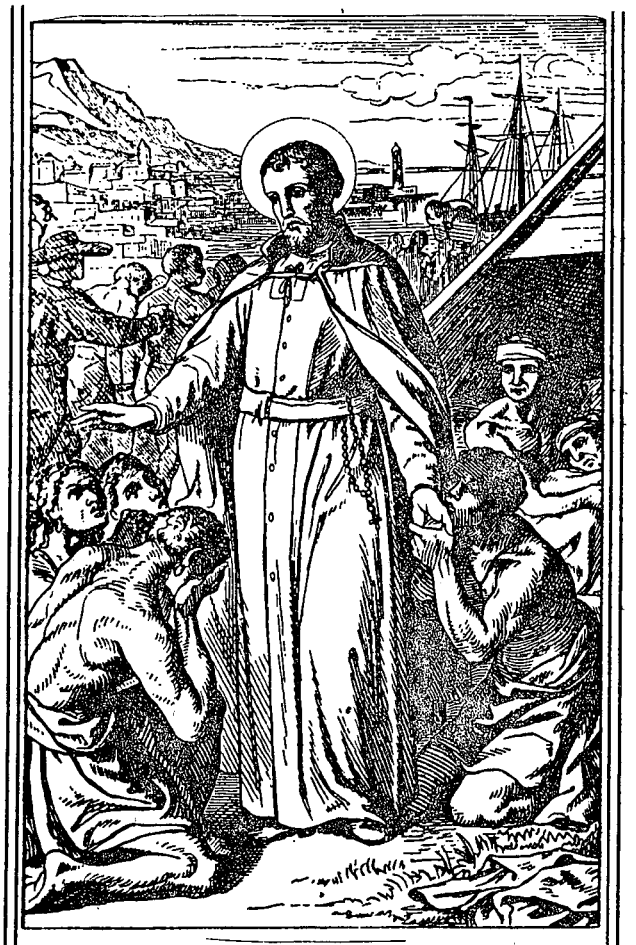
Nesta hora, Afonso ouve uma voz dizer: "Você salvou estas almas".

Afonso, em sua humildade, respondeu: "Não fui eu, foi meu amigo Pedro Cláver".

Terminada a visão miraculosa e terminado o Rosário, Afonso se recolhe à sua cela para descansar.

Desde que se separaram, Afonso e Pedro nunca mais se viram nesta terra. O encontro entre os dois ocorreu no Céu.

Os dois foram canonizados e, juntos a milhares de escravos missionados por S.Pedro Cláver, louvam a Deus Nosso Senhor e a Sua Mãe Santíssima, por toda a eternidade.



S. Pedro Claver

"PREFIRO OS QUE ME CRITICAM, PORQUE ME CORRIGEM, AOS QUE ME ELOGIAM PORQUE ME CORROMPEM" (*Santo Agostinho*)